



SERRANIAS

BETO CASTRO



Beto Castro

SERRANIAS



Lages, 2023

*Dedico este livro ao
grande fotógrafo
Aribert Bertoncelli.*













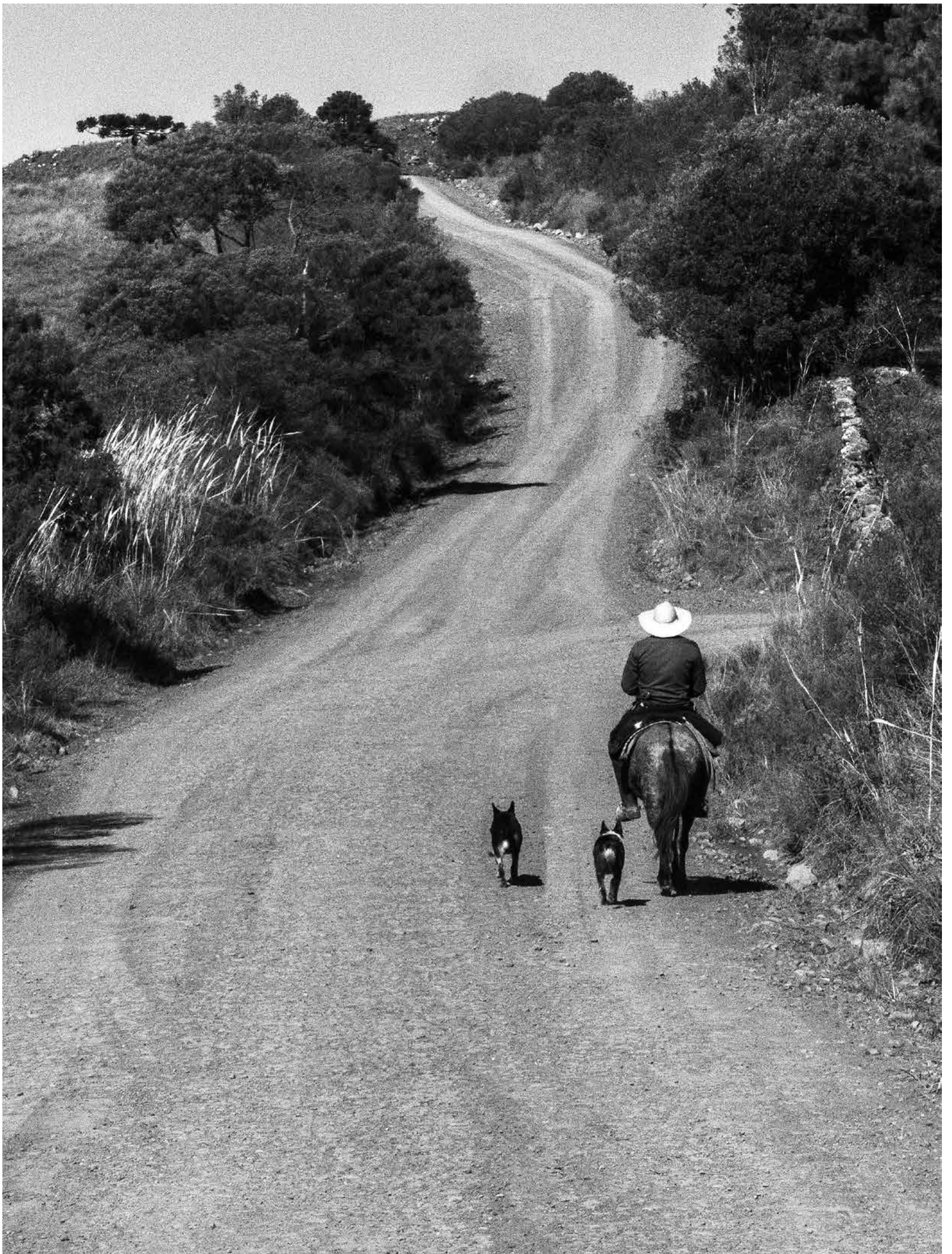






















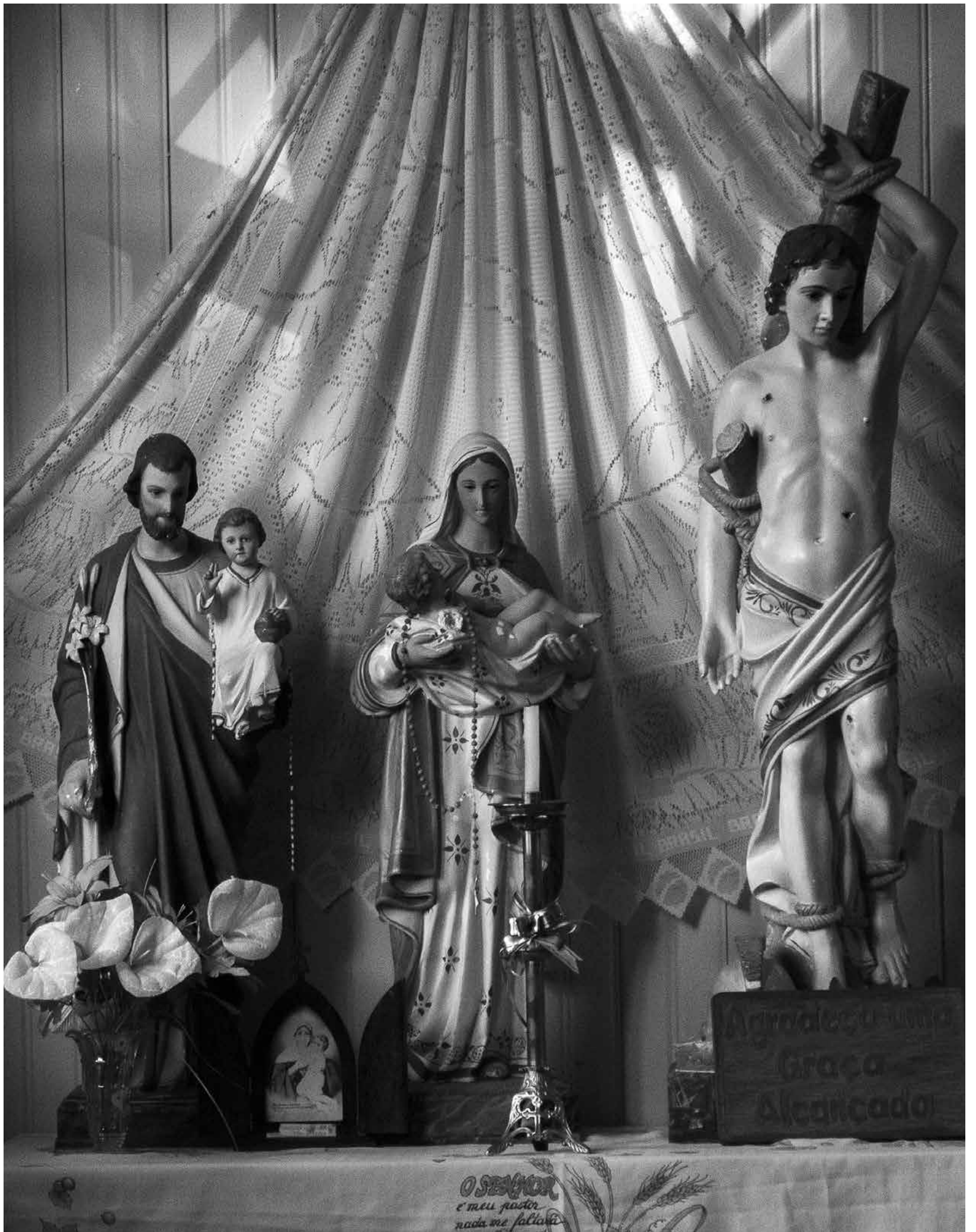












































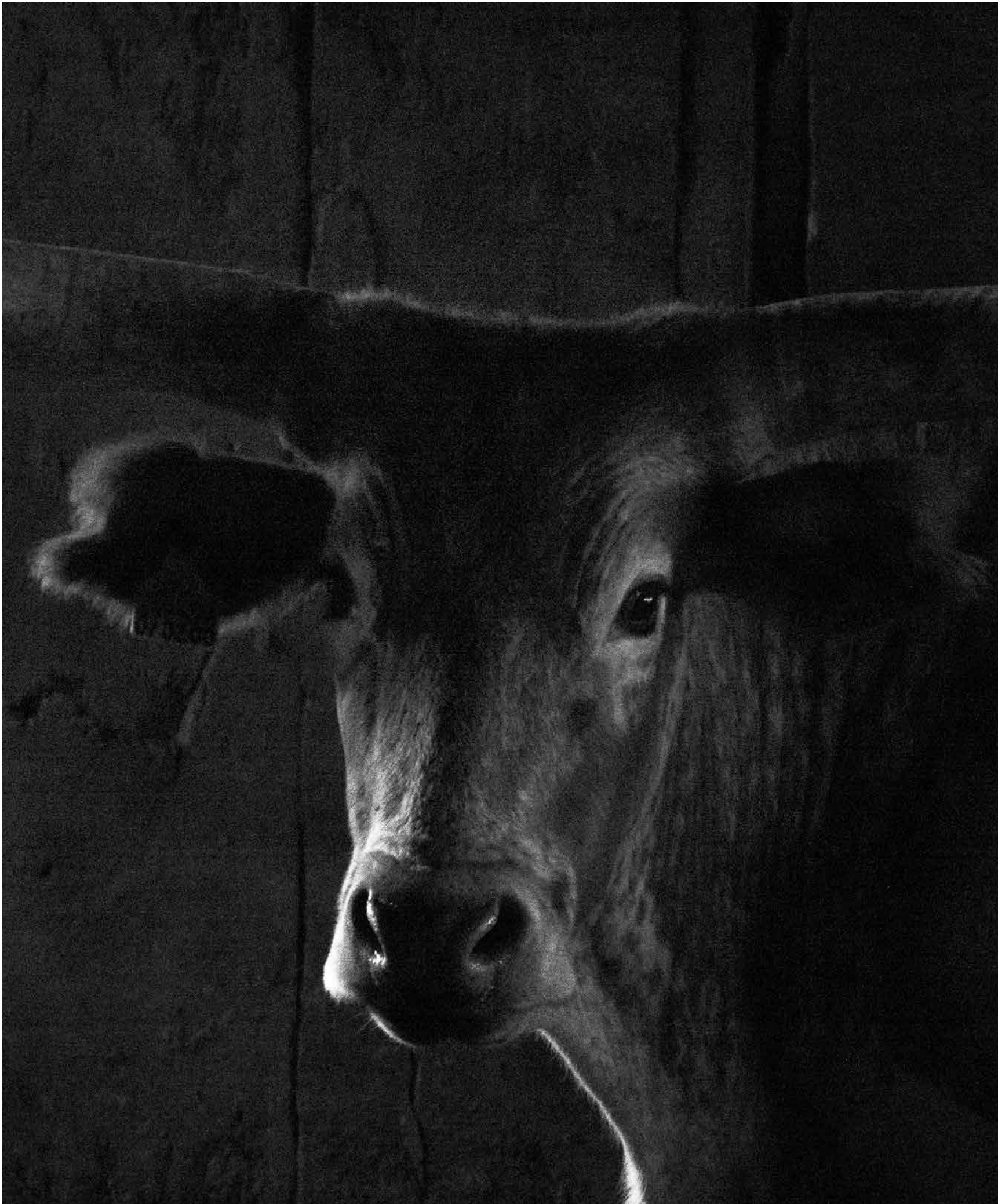


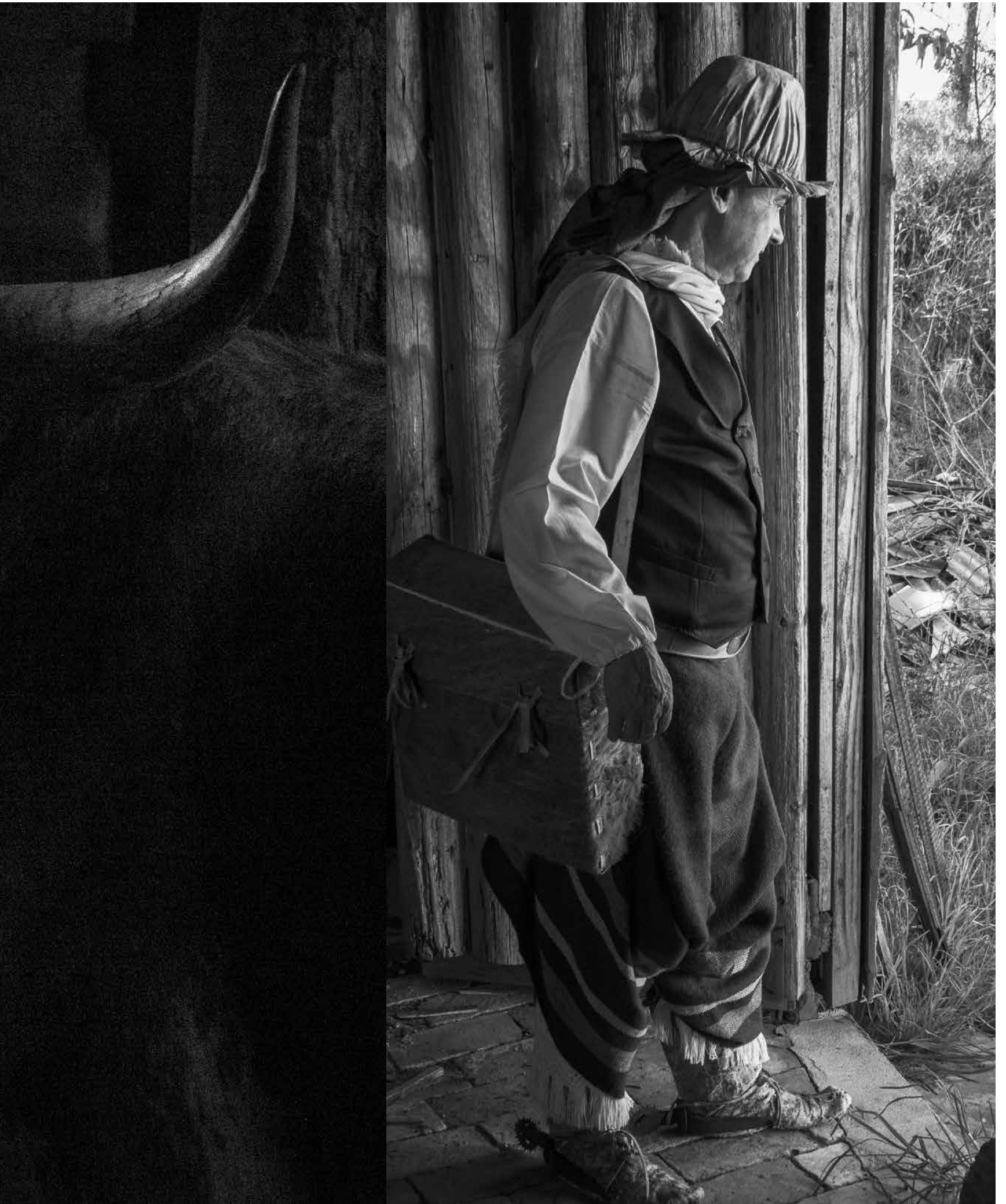




































































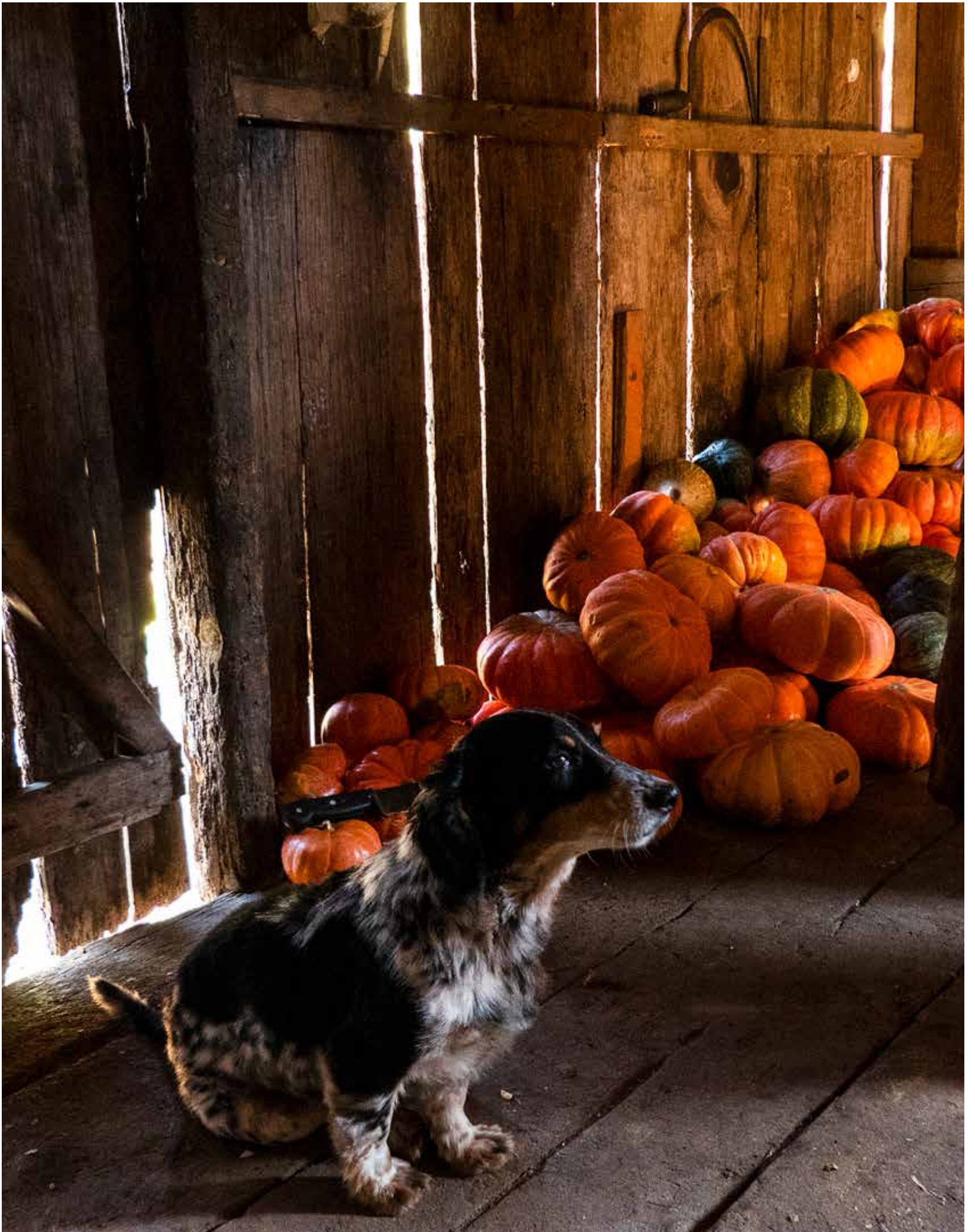
















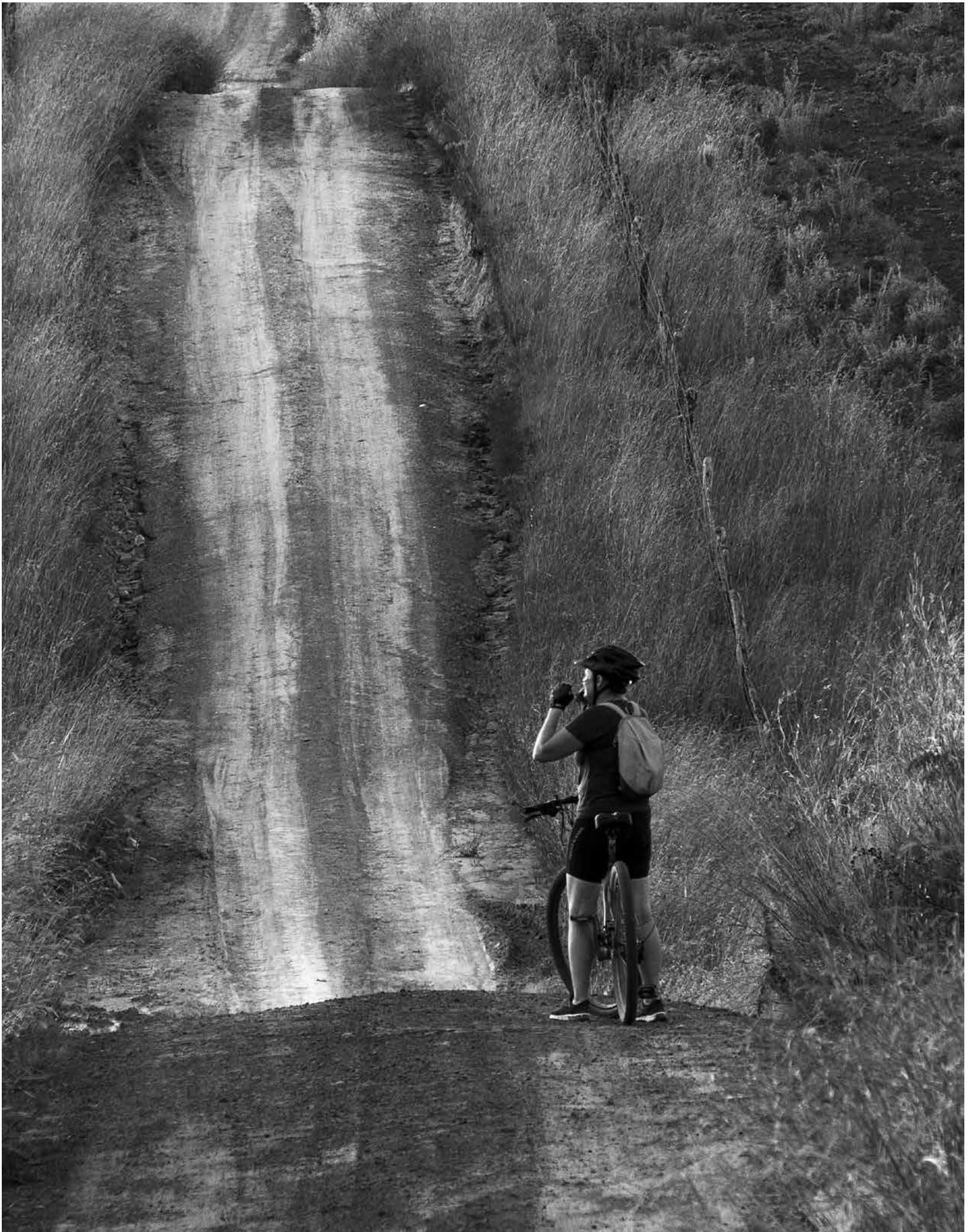


























































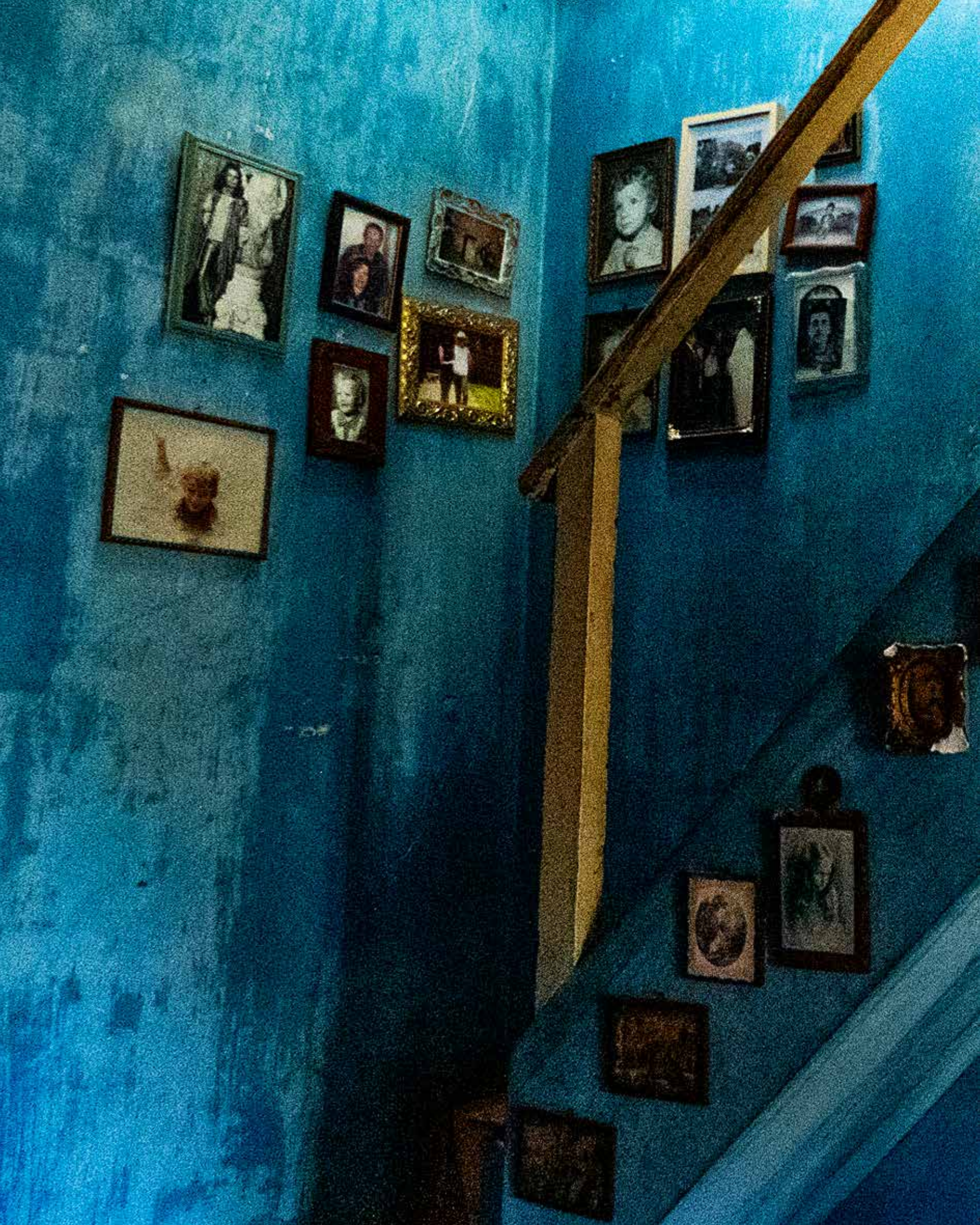


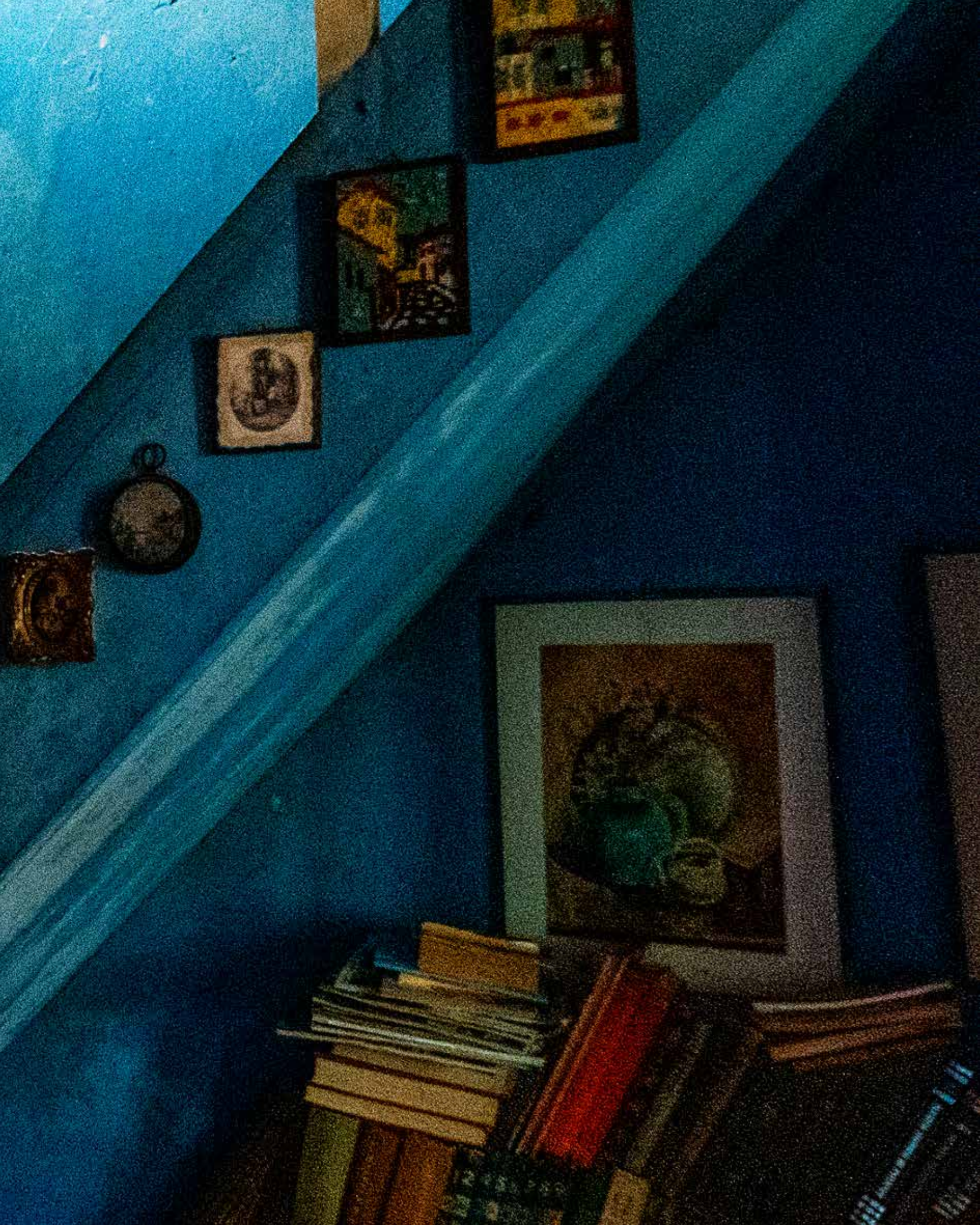
































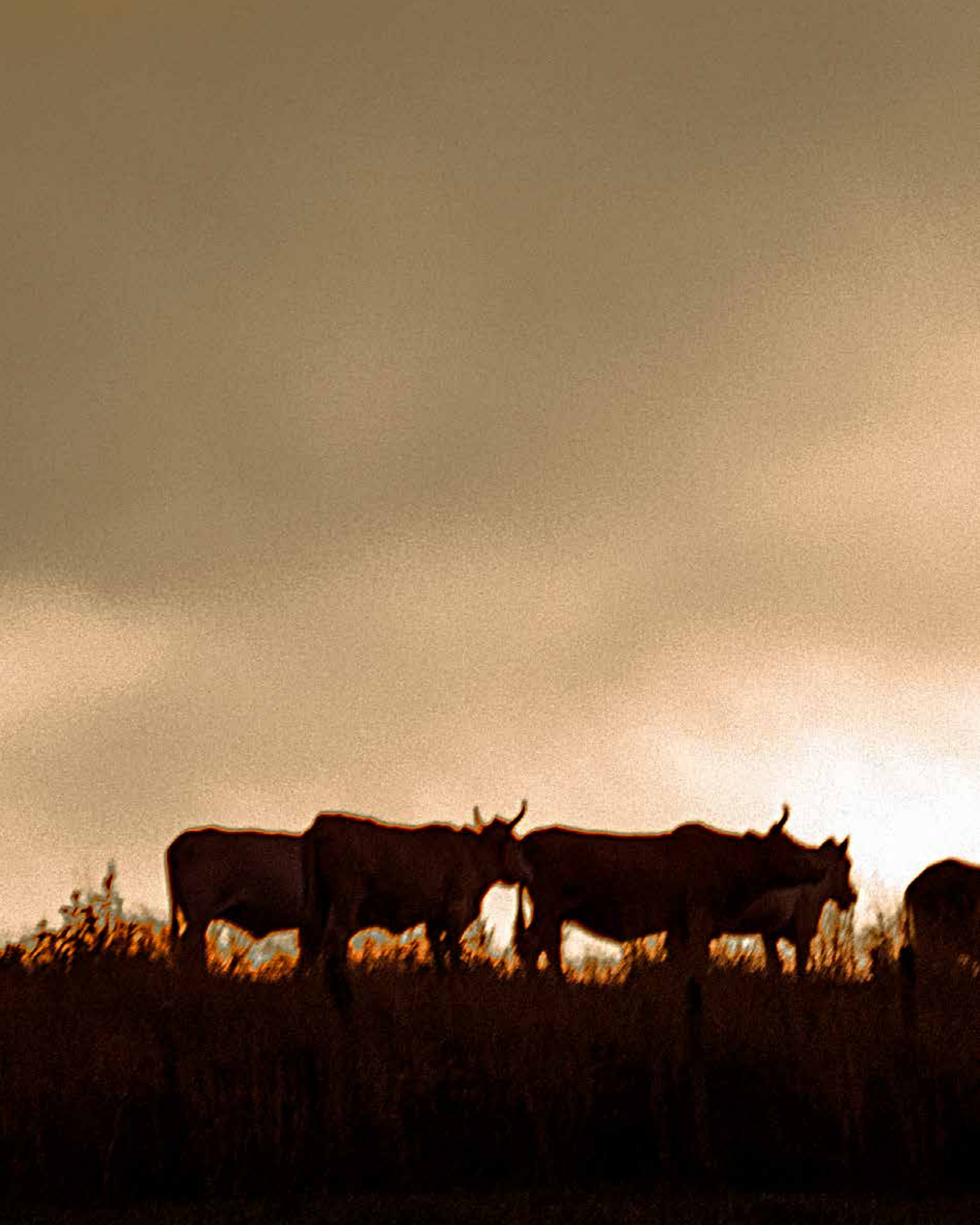






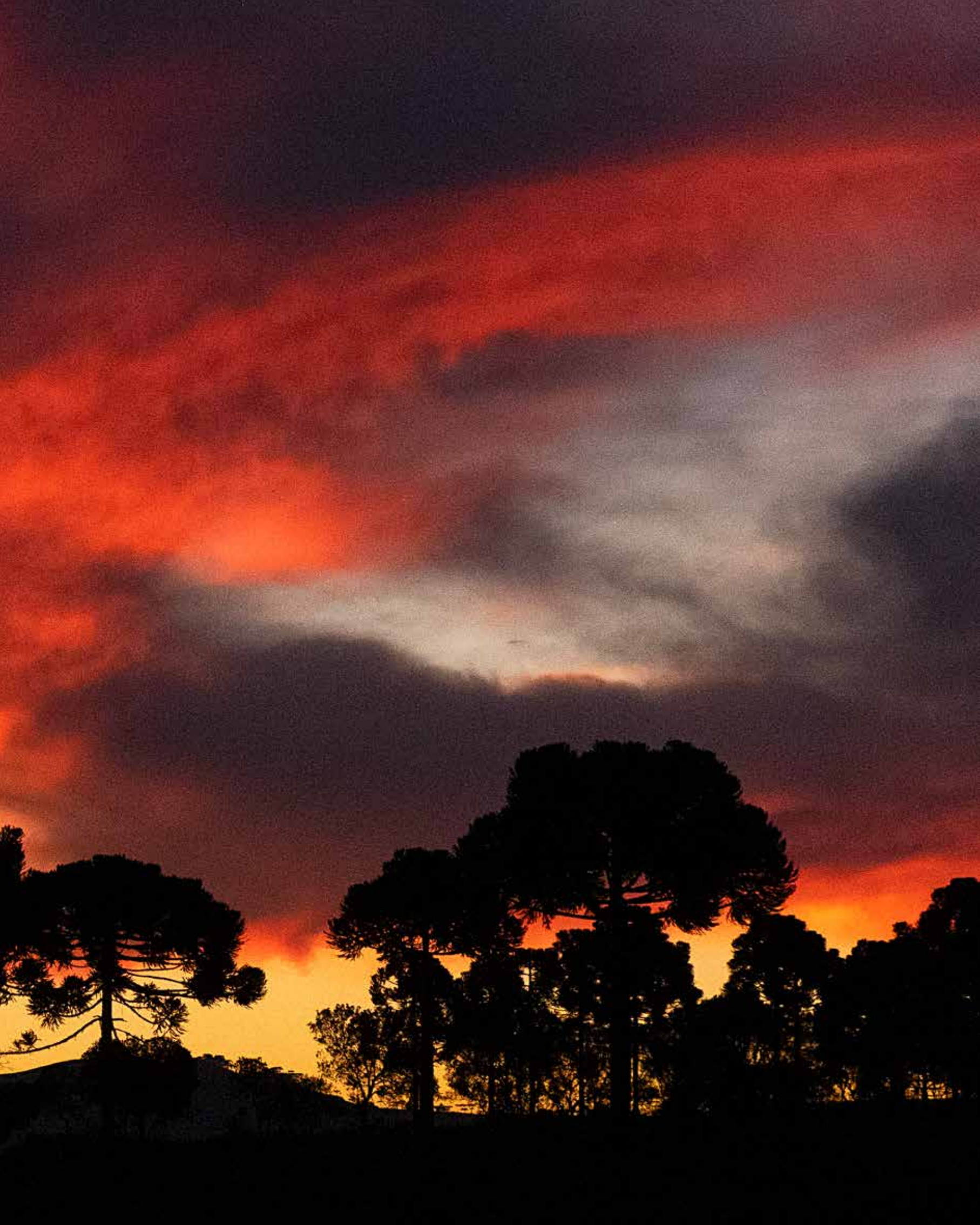
















SERRANIAS

Quando Beto Castro me mostrou suas fotografias pela primeira vez, no início de 2021, minha primeira observação foi sobre a qualidade da luz, quase teatral nas suas imagens. Ainda sem uma edição narrativa e sequencial, já conseguiam dar importância e unidade a cenas que, de outra forma, poderiam estar desconectadas. Ali, soube que estava diante de um contador de histórias fotográficas.

Artista inquieto e atraído por aspectos inusitados da vida ordinária, Beto me apresentou suas fotografias, de situações e lugares diversos, carregadas de um olhar que mistura poesia e crítica para enxergar o fluxo da vida com leveza e humor.

Aos poucos, fui descobrindo, no considerável acervo da produção fotográfica de Beto, uma preocupação com a vida e a cultura que transcorrem bem perto, na região serrana de Santa Catarina. Mesmo quando a figura humana não está presente nas fotos, as imagens revelam vida, cultura e histórias que envolvem costumes e a relação do homem com a natureza.

Nos últimos anos, durante as incursões frequentes com sua bicicleta, o olhar de Beto para a região da cidade de Lages e entorno construía-se, cada vez mais encantado e curioso, além de buscar respaldo em pesquisas, leituras e no conhecimento histórico, sem deixar de lado os relatos e “causos” contados pelos diversos personagens com os quais estabeleceu contato.

Um desses relatos foi fundamental para o artista começar a pensar nesta publicação: a história da centenária fazenda São José da Boa Vista, margeada pelos rios

Cipó e Lava-Tudo. Situada no caminho tropeiro formado há mais de 300 anos, essa fazenda representa uma história de resistência e, ao mesmo tempo, é um alerta para a ameaça de apagamento dos patrimônios materiais e simbólicos da região.

Lembro bem das primeiras fotos feitas na casa, datada de 1917, que só não foi submersa por uma hidrelétrica graças à luta de sua herdeira proprietária pelo seu tombamento. Aquelas imagens, em cores e detalhes, compõem entre outras tantas, este livro.

Fundado na precisão de contar essa história plural, o relato visual, presente em *Serranias*, alia algumas ferramentas simples – a saber: o olhar, a bicicleta e a câmera –, para produzir uma documentação poética, carregada de magníficas paisagens campestres com a natureza ainda razoavelmente preservada, além de retratar também edificações, muros de taipa, ruínas, a cultura pastoril, peões e proprietários, nativos e migrantes, fé e vida.

Selecionar as imagens e organizá-las neste fotolivro foi um desafio. Foi também um grande aprendizado, um exercício de desconstruir uma visão monumentalista, turística e romântica sobre a vida serrana, criando diálogos entre o humano e a natureza, as edificações e as paisagens externas, o dono e o empregado, o animal e o cultural, as fotografias e os espaços vazios, as opções entre a cor ou o preto e branco, para especialmente valorizar a imagem como nosso vocabulário primordial.

Serranias nos proporciona uma viagem para o tempo dos tropeiros, e, ao mesmo tempo, cria memórias a partir da organização narrativa que traduz as experiências vividas pelo Autor.

LUCILA HORN
CURADORA

When Beto Castro showed me his pictures for the first time, in the beginning of 2021, my first thought was about the quality of the light, it was almost theatrical in his images. Even without a narrative and sequential editing, he could already give the importance and unity in scenes that, in other ways, would be disconnected. Right there, I knew I was in front of a photographic storyteller.

Restless artist and captivated by the unusual aspects of the ordinary life, Beto presented me his photographs, from varied places and situations, carried by an outlook that blends poetry and critic to view the flow of life with levity and humor.

Gradually, I discovered in his considerable collection of graphic productions, a preoccupation with life and culture that runs close by, in the “Serra Catarinense” region. Even when the human figure isn’t present in the pictures, they reveal life, culture and stories involving habits and a man’s relationship with nature.

In recent years, during the frequent incursions with his bicycle, Beto’s gaze towards the region of the city of Lages and its surroundings was built, increasingly enchanted and curious, in addition to seeking support in research, reading and historical knowledge, without leaving aside the stories told by the various characters with whom he made contact.

One of this stories was essential for the artist to start to think about this publication: the story of the centennial farm São José da Boa Vista, bordered by the rivers Cipó and Lava-tudo. Situated in the “caminho tropeiro” (a path formed by the ones that escorted cattle from the south to São Paulo), formed over 300 years ago, this farm represents a story of resistance and, at

the same time, is a warning against the threat of erasure of the material and symbolic heritage of the region.

I remember well about the first pictures taken at that house, dated of 1917, house that wasn’t submerged by a hydroelectric station thanks to the struggle of its owner for it to become a heritage site. Those images in color and detail make up, among many others, this book.

Founded with the intention of telling this plural story, the visual storytelling present in Serranias, combines some simple tools – the knowledge: the outlook, the bicycle and camera –, to produce a poetic documentation, filled with magnificent rural landscapes with nature still reasonably preserved, it also depicts buildings, “muros de taipas” (stone walls made with stone available in the fields). “Muros de taipas” were built along the previously mentioned “caminho tropeiro”), ruins, pastoral culture, rural workers and owners, natives and migrants, faith and life.

Selecting the images and organizing them in this photo-book was a challenge. It was also a huge learning experience, an exercise on deconstructing a monumentalist, touristic and romantic vision about the rural life, creating dialogues between human and nature, the buildings and the external landscapes, the owner and the employee, the animal and the cultural, the photos and the empty spaces, the choice between color or black and white, to especially value pictures as our primordial vocabulary.

Serranias provides us with a journey to the time of the “tropeiros” (the ones that escorted cattle from the south to São Paulo) and, at the same time, creates memories from the narrative organization that translates the experiences lived by the Author.

LUCILA HORN
CURATOR

Cuando Beto Castro me mostró sus fotografías por primera vez, a principios de 2021, mi primera observación fue sobre la calidad de la luz, casi teatral en sus imágenes. Aunque aún no tenían una edición narrativa y secuencial, lograban dar importancia y unidad a escenas que de otra manera podrían estar desconectadas. Allí supe que estaba ante un contador de historias fotográficas.

Artista inquieto y atraído por aspectos inusuales de la vida cotidiana, Beto me presentó sus fotografías de diversas situaciones y lugares, cargadas con una mirada que mezcla poesía y crítica para ver el flujo de la vida con ligereza y humor.

Poco a poco, fui descubriendo en el considerable archivo de producción fotográfica de Beto, una preocupación por la vida y la cultura que transcurren muy cerca en la región serrana de Santa Catarina. Incluso cuando la figura humana no está presente en las fotos, las imágenes revelan vida, cultura e historias que involucren costumbres y la relación del hombre con la naturaleza.

En los últimos años, durante las frecuentes incursiones en su bicicleta, la percepción de Beto hacia la región de la ciudad de Lages y sus alrededores se mostraba cada vez más seducida y curiosa, incluyendo sus investigaciones, lecturas y conocimientos históricos, sin dejar de lado los relatos y anécdotas contadas por los diversos personajes con los que estableció contacto.

Uno de estos relatos fue fundamental para que el artista comenzara a pensar en esta publicación: la historia de la centenaria Fazenda São José da Boa Vista, emplazada entre los ríos Cipó y Lava-tudo. Situada en el antiguo camino de los tropeiros

formado hace más de 300 años, esta hacienda representa una historia de resistencia y, al mismo tiempo, es una advertencia sobre la amenaza de desaparición del patrimonio material y simbólico de la región.

Recuerdo bien las primeras fotos tomadas en la casa, que data de 1917, que no fue submergida al construirse una hidroeléctrica, gracias a la lucha e intervención de su propietaria heredera para su salvación. Esas imágenes, en colores y detalles, componen, entre muchas otras, este libro.

Con el fin de profundizar en la descripción de esa historia plural, el relato visual presente en “Serranias” combina algunas herramientas simples, a saber: la visión, la bicicleta y la cámara, para relatar de manera poética, cargada de magníficos paisajes rurales con la naturaleza aún razonablemente preservada, además de retratar también construcciones, muros de tierra, ruinas, la cultura pastoral, peones y propietarios, nativos y migrantes, fe y vida.

Seleccionar las imágenes y organizarlas en este fotolibro fue un desafío. También fue un gran aprendizaje, un ejercicio de deconstrucción de una visión monumentalista, turística y romántica de la vida serrana, creando diálogos entre lo humano y la naturaleza, las construcciones y los paisajes exteriores, el dueño y el empleado, el animal y lo cultural, las fotografías y los espacios vacíos, las opciones entre el color o el blanco y negro, para especialmente valorar la imagen como nuestro vocabulario primordial.

“Serranias” nos brinda un viaje a la época de los tropeiros y, al mismo tiempo, crea memorias a partir de la organización narrativa que traduce las experiencias vividas por el autor.

LUCILA HORN
CURADORA

SERRANIAS

O início

Desde a infância as fotografias e os fotógrafos despertaram minha atenção. Em 1995 comprei de uma amiga uma linda câmera *Olympus OM-1*, com lente de 50mm F1.4. Eu, porém, não tinha a mínima ideia do potencial dessa câmera, muito menos de como usá-la...

Mesmo assim, logo adquiri uns filmes, e... mãos à obra. Por um bom tempo era terrível quando ia buscar os filmes que mandara revelar; pois, nas fotos, quase não conseguia reconhecer meus lindos filhos. A câmera me desafiava... Com tantos botões, a infeliz escondia-se na sua complexidade, presenteando-me com um novo desastre a cada filme revelado.

Eu sabia que máquinas cheias de botões exigiam programações e eram repletas de possibilidades, ou seja, a minha incompetência estava ali, estampada, diante de uma caixa de metal. Para completar, a minha amiga, ao me explicar rapidamente as funções da máquina, disse-me que, por se tratar de uma câmera para “fotógrafos de verdade”, se eu quisesse obter as imagens desejadas, eu mesmo deveria regular a abertura, a velocidade do obturador e a sensibilidade do filme.

Depois dessa conversa, comecei a minha longa batalha com a *Olympus OM-1*. Levei algum tempo para entender a relação entre as regulagens da câmera e o resultado nas fotos, mas, aos poucos, as imagens foram ficando “visíveis”. No entanto, fotografar mesmo, de verdade, ainda estava longe das minhas conquistas.

Hoje, percebo que, lá no meu inconsciente, meu interesse pela fotografia começou bem antes da minha aventura com a *Olympus OM-1*. Quando eu tinha sete anos, meu pai presenteou-me com uma câmera *Tekinha*, que era fantástica, pois misturava o conceito de brinquedo com algo que pretendia ser sério. Uma câmera fo-

tográfica era algo do mundo dos adultos, o qual, todos sabem, causa grande fascínio nas crianças, que deslumbradas e ao mesmo tempo ansiosas diante de uma câmera, imediatamente começam com grande expectativa a “flertar” com a responsabilidade de resultados, experimentando a manipulação de um objeto sério, mágico, hermético, ao qual normalmente não teriam acesso. Assim, quando esse fato raro acontecia, era uma absoluta quebra de hierarquia, e, com uma câmera nas mãos, eu me sentia verdadeiramente “um adulto”.

A *Tekinha* era uma caixinha de plástico e usava um filme 126, com cartucho. O próprio filme era a tampa da câmera, uma espécie de *pinhole* “metida a besta”, porém as fotos ficavam bem melhores que aquelas obtidas com os meus primeiros contatos com a maldita *OM-1*, pois a *Tekinha* era programada para não frustrar as esperanças das criancinhas. Vinha com uma lente de abertura única e um obturador com velocidade fixa, o que funcionava bem em fotos externas.

Com a ajuda da minha mãe, eu juntava algum dinheiro para comprar o famoso filme 126 e economizava bastante nos cliques, porque eram “poucas poses” – 12, 24 ou 36 poses, como diziam na época. Depois, era conseguir a grana para revelar o filme... Tudo era muito caro para os nossos padrões.

Meu pai era verdadeiramente o nosso mecenas. Apesar de seus poucos recursos ele estava sempre atento aos anseios artísticos dos filhos. Costumava chegar em casa com livros, publicações, revistas infantis, jogos, e, se alguém se interessava por algo, ele sempre estava lá. Minha mãe era também muito incentivadora, talentosa, transitava pelas Artes. Grande cantora e artista plástica, adorava cantar, pintar, e ler com seus filhos.

Um tesouro no sótão

Certo dia, no sótão de nossa casa, encontrei pedaços de um velho ampliador para revelação em preto e branco, além de uns copinhos que, mais tarde, entendi que serviam para revelar o filme. Naquela noite, ao chegar em casa, meu pai montou aquela gerigonça, explicou-me todos os detalhes do funcionamento de um ampliador, mostrou-me como se dava o passo a passo do processo de revelação de filmes, e da posterior ampliação dos negativos em papéis fotográficos. Uns trinta anos depois eu iria experimentar a magia de montar um pequeno laboratório de revelação em preto e branco no lavabo de minha casa, tendo por auxiliares meus dois filhos, Vinícius e Vítor.

Amigos e parentes, as minhas vítimas indefesas

Depois que eu, supostamente, domei a OM-I, os rostos dos meus filhos, parentes, amigos, além dos de outras vítimas, começaram a ser reconhecidos nas minhas fotos. Ao vê-las, todos diziam a infame frase: “Nossa! Sua ‘máquina’ é profissional!”, uma afirmação desprezível, que todos os fotógrafos experimentaram algum dia. Mas, eu seguia firme, fazendo o que mais gostava: ensaios fotográficos de graça.

Adorava ver a cara dos meus amigos quando ao revelarmos os filmes surgiam as fotos de seus lindos filhos, com aquelas maravilhosas cores, ou com o charme e a beleza de um retrato preto e branco. Meus filhos ficavam lindos, mas fugiam de mim. Sua contrariedade ficava expressa nas “caras” que faziam nos retratos. Hoje nenhum deles posa para mim, “tadinhos”.

Aribert Bertoncelli

No ano de 2001 fui trabalhar em Chapecó/Santa Catarina, onde, durante uma solenidade, conheci Aribert Bertoncelli, que estava fotografando o evento, e logo começamos a conversar sobre equipamentos fotográficos – máquinas de filme, na época.

Nossa conversa evoluiu para assuntos que iam além dos equipamentos, e percebi que aquele ilustre fotógrafo conhecia muito mais de fotografia do que eu imaginava.

Aribert – ou Beto, como era conhecido –, tinha, em Santa Catarina, uma loja de produtos fotográficos na cidade de Coronel Freitas, a uns vinte quilômetros da cidade de Chapecó. Ele fazia reportagens fotográficas em toda a região do oeste catarinense, sempre acompanhado por seu saudoso pai, o Senhor Bertoncelli. No entanto, a maior atividade comercial do Beto era a fotografia de móveis.

Na região do extremo oeste catarinense encontra-se um forte polo industrial moveleiro e, para a confecção de catálogos, as fábricas precisavam que as novas coleções fossem fotografadas. Assim, periodicamente, utilizavam vários caminhões em uma longa e dispendiosa viagem para levar os móveis até São Paulo, onde eram feitas as fotos e confeccionados os catálogos. Então, meu amigo Beto Bertoncelli montou um estúdio, suficientemente espaçoso e equipado para não só fotografar os móveis ali mesmo, mas também para confeccionar os catálogos.

Bem logo estreitei meu contato com o Beto, pois comecei a trabalhar na cidade de Coronel Freitas, e sempre tirava um tempo para as conversas a respeito de fotografia. O laboratório da loja era muito bem equipado, com diversas câmeras: as de Grande Formato, para fotografar os móveis, as de Médio Formato, com filme 120, além das várias câmeras de 35mm, usadas para as reportagens.

Conheci ali, nesse laboratório, com o Beto e seu querido pai, um mundo maravilhoso, com lindos retratos, fotos antigas e câmeras sensacionais. No entanto, o grande salto, o que faria eu me apaixonar de vez por fotografia, foi poder conviver com o Beto, com sua cultura na arte fotográfica, seu senso estético, seu constante e obsessivo gosto pelas obras dos grandes mestres, pela semiótica, pelas maravilhas do estudo das artes plásticas e da arte fotográfica.

O mais especial de toda essa movimentação do Universo, que me colocou diante desse bondoso amigo, é que o Aribert, com toda a sua paciência e infinita bondade, conduziu-me passo a passo no aprendizado da fotografia. Foi por intermédio dele que conheci a obra dos mais importantes fotógrafos da História. Aprendi a olhar e observar com cuidado as famosas fotos de Brassai, Bresson, Reené Burri, entre outros.

Também foi graças a esse amigo que conheci a maravilhosa história da *Agência Magnum* e dos fotoclubes brasileiros... descobri Sebastião Salgado, Evandro Teixeira, Walter Firmo e outros grandes da nossa terra. Passava dias analisando imagens das centenas de revistas francesas que o mestre gentilmente me emprestava, e, depois, a famosa Trilogia de Ansel Adams, livros e mais livros sobre composição e estética. Tudo me era emprestado ou indicado pelo Beto, que sempre esteve disposto a me ensinar.

Íamos até altas horas, fazendo ampliações em diversos tipos de papéis, com vários tamanhos de negativos. Era mágico e muito divertido. Tenho saudade não

apenas do cheiro dos químicos gerados pelos produtos que usávamos nas revelações, mas, também, de toda aquela função.

Poucos anos depois de haver conhecido o Beto, compramos, eu e ele, nossas câmeras digitais e, então, vieram as descobertas deste novo mundo. Hoje, com a fotografia digital, a diversão ainda é garantida. Perde-se algumas coisas e ganha-se outras. Trocamos os químicos pelo Photoshop, mas os estudos e os mestres sempre estarão ali. Fotografar, portanto, sempre foi, é, e será maravilhoso. Obrigado, meu querido amigo e mestre Aribert Bertoni, por sua arte, sua bondade, e pelo compartilhamento do seu saber.

Do retrato para a reportagem fotográfica

Sempre gostei muito de retratos. Comecei a estudar os grandes mestres retratistas e seus esquemas de iluminação. Logo percebi que, em retrato, menos é mais. Acabei optando por poucas fontes de luz, e, na maioria das vezes passei a usar uma única fonte. Era imensamente gratificante fotografar pessoas e criar retratos sofisticados, com uma pré-produção acurada e uma pós-produção no Photoshop.

Brinquei com isso durante alguns anos até que não mais me senti desafiado. Tive, é verdade, algumas surpresas boas, mas acabei deixando minha câmera de lado pois me divertia mais comprando e admirando os livros de fotografia dos grandes fotógrafos brasileiros e estrangeiros. Descobri os fotógrafos árabes, adquiri vários livros da *Agência Magnum*, e vibrava com tudo que seus espetaculares documentaristas apresentavam, mormente com as fotorreportagens do grande Paolo Pellegrin.

Olhava a obra de Pellegrin e me imaginava naqueles lugares caóticos, em meio a Guerras, ou em reportagens que lindamente contavam as histórias de lugares e pessoas muito distantes de mim e da minha realidade tão trivial. Sentia-me feliz por constatar que ele, Paolo, um grande artista, estava ali para, com tanta competência, eternizar e mostrar ao mundo aqueles momentos históricos, primordiais, que – seja por sua beleza ou pelas atrocidades dispostas nas imagens –, são tão importantes

para serem lembrados e comentados. A fotografia de Paolo Pellegrin congelou o tempo e seu registro é inequivocamente verossímil. Isto é fotografia documental, isto é fotojornalismo.

De tanto imaginar o universo dos fotojornalistas e “viajar” nas imagens dos maravilhosos livros que estes artistas produziam, comecei a retomar a fotografia. Reiniciei meus estudos e experimentos, tentando produzir algo nos lugares à minha volta.

Resolvi andar sempre com uma câmera, pronto para imortalizar as cenas nos meus caminhos.

“Era imensamente gratificante fotografar pessoas e criar retratos sofisticados...”

A bicicleta

Em uma determinada época, comecei, por questões de saúde, a pedalar. Levava meu “corpinho” com sobrepeso e minha câmera a passearem pela periferia da cidade, e de fato comecei a me divertir mais com as fotografias. Aos poucos, fui me afastando da cidade e chegando até a região rural.

Sou filho de profissionais liberais, pessoas que sempre trabalharam e viveram no meio urbano. Muitos de meus amigos são herdeiros de áreas rurais, filhos e netos de fazendeiros e sempre viveram tanto no campo quanto na cidade, mas eu nunca fui para o campo, nem mesmo por um único final de semana. E não foi por falta de convite, mas porque não era o que eu gostava de fazer. Vivi sempre ligado à música, à vida boêmia e frequentando reuniões para tocar e cantar.

Quando eu, minha bicicleta e minha câmera começamos a entrar na área rural da cidade de Lages/Santa Catarina, descobri, com atraso de décadas, um maravilhoso mundo que ali estava escondido a pouquíssimos quilômetros do meu nariz. Lindas fazendas centenárias, paisagens de tirar o fôlego, a hospitalidade do nosso “gaúcho lageano” com a beleza de seus costumes característicos, e, principalmente, o vivo acervo cultural da Serra Catarinense, onde povos de diversos lugares e etnias fincaram suas bases quando, pioneiramente, aqui vieram viver.

A bicicleta é um veículo de transporte maravilhoso, não poluente, e você faz exercício sem impacto, o que é muito importante para alguém chegando aos 60 anos. Com a bicicleta você fica integrado à natureza e consegue observar tudo, tornando-se parte da paisagem. Você é literalmente o protagonista.

Olhando e observando as paisagens serranas, comecei a sacar a minha câmera e a arriscar uns cliques. Como um bom retratista, não tinha vontade alguma de fotografar paisagens, mas, aos poucos, fui gostando e me acostumando com as fotos, com as lentes grande angulares, e as pequenas aberturas de diafragma.

Fotografar paisagens requer bastante experiência, pois é muito difícil de compor e muito fácil de cair na mesmice. Você tem que, necessariamente, entender e observar a luz que a natureza quer nos presentear naquele dia e naquele momento. As surpresas são delicio-

sas... e as decepções também. Aos poucos, os resultados vão surgindo. Deste modo, você – cada vez mais –, volta das suas pedaladas com belas imagens.

À medida que ia me sentindo mais integrado ao ciclismo e conhecia melhor as trilhas que cortavam as áreas rurais, mais me sentia à vontade para fotografar paisagens. Depois, passei a fotografar a arquitetura antiga das casinhas, as lindas edificações das fazendas e tudo que fazia parte do ambiente rural.

A partir de então vieram, além dos rebanhos típicos da Região Serrana, também as taipas, o trabalhador rural, com seus cães e cavalos nas rudes lidas. Todo esse árduo trabalho no campo nos remonta aos anos de 1700, quando os antepassados de toda essa gente serrana surgiam por aqui, com suas tropas de gado, em direção a outras regiões do país.

Logo tive imensa vontade de documentar o interior das casas, e com os contatos e agendamentos das fotos internas, descobri que a maioria das propriedades rurais da nossa Região Serrana ainda estão nas mãos de pessoas conhecidas. A receptividade que tive foi sempre muito cordial e a surpresa em fotografar as casas e os moradores foi maravilhosa. É tudo muito lindo.

Dentro destas casas, umas intactas e outras já sem seus mais antigos vestígios, encontra-se a memória de todos os portugueses, africanos, italianos, espanhóis, latino-americanos que, há séculos, deram origem ao povo da Serra Catarinense. Os objetos – pedaços de história viva –, estão ali, nas vestimentas, em cada peça, em louças, quadros, armas, dispostos em museus improvisados ou jogados em cima de armários, ou em galpões que antes foram senzalas.

Assim, com a minha bicicleta fui descobrindo o grande tesouro cultural que estava na periferia da cidade e na área rural, a menos de vinte quilômetros da minha casa, no centro de Lages. A História se apresenta no semblante de cada habitante dos Campos da Serra. Todos carregam suas relíquias históricas e cicatrizes, suas incríveis memórias da vida campeira, e os causos intrigantes dos seus antepassados.

As fotografias que fiz contemplam vários municípios da Região Serrana de Santa Catarina, pois fotografei também outros lugares pelos quais passei durante viagens,

a trabalho ou lazer. Assim, temos uma certeza: o gaúcho serrano de Santa Catarina – e isso não é um erro, pois “gaúcho” não é sinônimo de rio-grandense – está presente em toda a nossa região. Valentes, esses bravos homens e mulheres seguem cultuando suas tradições, amando seu chão e os seus filhos.

Há muito ainda a ser garimpado nessa região tão rica culturalmente, mas o que existe e está ali contan-

do essa incrível história deve ser documentado. E então, quando comecei a clicar aqui e ali, nasceu o projeto fotográfico *Serranias*, formando, aos poucos, este acervo de fotografias da nossa Serra Catarinense.

Desejo a todos uma boa experiência ao folhear este fotolivro, e que ele possa ser um ponto de partida para conhecer mais sobre esse lindo e mágico lugar: a Serra de Santa Catarina.

BETO CASTRO
FOTÓGRAFO

The beginning

Ever since my childhood, photographs and photographers stirred up my attention. In 1995 I bought a beautiful camera from a friend of mine, an Olympus OM-1, with 50 millimeters F1.4 lenses. I had no idea of the potential of this camera, and knew even less on how to use it...

Nevertheless, I acquired some film and got to work. For a while it was when I went to pick up the pictures I had sent for developing, as in the photos, I almost couldn't recognize my gorgeous children. The camera challenged me... with so many buttons, the cursed thing presented me with a new disaster each time the film got revealed.

I knew that machines full of buttons required programming and were full of possibilities, that is, my incompetence was right there, stamped, in front of a metal box. Adding to it, my best friend, as she quickly explained to me the functions of the machine,⁸ she told me that, one could refer to it as "a camera for real photographers", that if I wanted to obtain the pictures I desired, I should regulate the opening, the speed of the shutter and the sensibility of the film myself.

After this talk I started my long battle with the Olympus OM-1. It took some time for me to understand the relationship between the settings in the camera and the result in the photos, but gradually the pictures were beginning to become more "visible". However, actually photographing was still very far in my achievements.

Nowadays, I realize that in my unconscious, my taste for photography started long before my adventure with the Olympus OM-1. When I was seven years old my father gifted me with a Tekinha camera, which was fantastic, because it blended the concept of a toy with something that pretended to be more serious. A digital camera was something from the adult world, which, everybody knows, can cause a huge interest in children, which are both dazzled and anxious in front of a camera, and start immediately to experiment with the huge expectation of "flirting" with the responsibility of the end result, experimenting the manipulation of a serious object, magical, hermetic to which normally they wouldn't have access to. Thus when this rare occurrence happened, it was an absolute breach of the hierarchy, and, with a camera in hand I truly felt like "an adult".

The Tekinha was a little plastic box that used a 126 film, with cartridge. Its own film was the cover of the camera, a

kind of pinhole "fancily dressed", but the photos would become much better than those of my first contact with the bloody OM-1, because the Tekinha was programmed to not frustrate the hopeful children. It came with a single aperture lens and a shutter with a fixed speed, which worked well on photos taken outside.

With my mother's help I would put together some money to buy the famous 126 film and I would hold back on my clicks because I had "just a few poses" - 12, 24 or 36 poses, as they would say it back then. After that, I would go after the money to develop the film... everything was very expensive for our standards.

My dad was truly our savior. Even with his few resources he would always keep an eye for the artistic yearning in his children. He used to get home with books, publications, children's magazines, games, and if someone was interested in something he would always be there. My mother was also very encouraging, talented, and would move between the arts. Great singer and visual artist, she loved to sing, paint and read with her children.

A treasure in the attic

One day, in the attic at our home, I found some parts of an old amplifier for black and white development, as well as some small cups that I would find their use out later. That they were used to develop the film. That night, as soon as my dad got home he built that a contraption he explained to me all of the details of the functioning of an amplifier, he showed me the step by step process to develop the films, and of the posterior expansion of the negatives in photographic paper. About thirty years later I would experiment the magic of putting together a small laboratory for photo development in black and white in the laundry room of my house, having both of my sons as my assistant, Vinícius and Vítor.

Friends and relatives, my helpless victims

After I supposedly tamed the OM-1, the faces of my children, relatives, friends, and other victims began to be recognizable in my photos. Upon seeing them, everyone said the infamous phrase: "Wow! Your 'camera' is professional!", a despicable statement that every photographer has experienced at some point. But I kept going, doing what I loved most: free photo shoots.

I loved to see the faces of my friends when we developed the films and the photos of their beautiful children appeared, with those wonderful colors, or with the charm and beauty of a

black and white portrait. My children looked beautiful, but they ran away from me. Their annoyance was expressed in the “faces” they made in the portraits. Today none of them pose for me, “poor things”.

Aribert Bertoncelli

In 2001 I went to work in Chapecó/Santa Catarina, where, during a ceremony, I met Aribert Bertoncelli, who was photographing the event, and we soon started talking about photographic equipment - film cameras, at the time. Our conversation evolved into subjects that went beyond equipment, and I realized that that illustrious photographer knew much more about photography than I imagined.

Aribert - or Beto, as he was known - had, in Santa Catarina, a photographic products store in the city of Coronel Freitas, about twenty kilometers from the city of Chapecó. He made photographic reports throughout the western region of Santa Catarina, always accompanied by his late father, Mr. Bertoncelli. However, Beto's main commercial activity was furniture photography.

In the far west of Santa Catarina there is a strong industrial furniture pole and, for the preparation of catalogs, the factories needed the new collections to be photographed. Thus, periodically, they used several trucks in a long and expensive trip to take the furniture to São Paulo, where the photos were taken and the catalogs were made. Then my friend Beto Bertoncelli set up a studio, sufficiently spaced and equipped not only to photograph the furniture there, but also to make the catalogs.

I soon got in touch with Beto, as I begun working in the city of Coronel Freitas, and always took time for the talks about photography. The store's laboratory was very well equipped, with several cameras: The Large Format cameras, to photograph the furniture, Medium Format, with 120 film, in addition to several 35mm cameras, used for the reports.

There, in that laboratory, with Beto and his dear father, I got to know a wonderful world, with beautiful portraits, old photos and sensational cameras. However, the great leap. The one that would make me fall in love with photography for good, was being able to live with Beto, with his culture in photographic art, his aesthetic sense, his constant and obsessive taste for the works of the great masters, for semiotics, for the wonders in the study of fine arts and photographic art.

The most special thing about all this movement of the Universe, which placed me before this kind friend, is that Aribert, with all his patience and infinite kindness, led me step by step in the journey of studying photography. It was through him that I came to know the work of the most important photographers in history. I learned to look and observe carefully the famous photos of Brassai, Bresson, Reené Burri, among others.

It was also thanks to this friend that I learned about the

wonderful history of the “Magnum Agency” and the Brazilian photoclubs... I discovered Sebastião Salgado, Evandro Teixeira, Walter Firmo and other greats from our land. I spent days analyzing images from the hundreds of French magazines that the master kindly lent me, and then the famous Ansel Adams Trilogy, books and more books on composition and aesthetics. Everything was lent to me or indicated by Beto, who was always willing to teach me.

We would go until late at night, making enlargements on various types of paper, with various sizes of negatives. It was magical and a lot of fun. I miss not only the smell of the chemicals generated by the products we used in the developments, but also all of that buzz.

A few years after I met Beto, he and I bought our digital cameras and then came the discoveries of this new world. Today, with digital photography, fun is still guaranteed. You lose some things and gain others. We have exchanged the chemicals for Photoshop, but the studies and the masters will always be there. Photographing, therefore, has always been, is, and will always be wonderful. Thank you, my dear friend and master Aribert Bertoncelli, for your art, your kindness, and for sharing your knowledge.

From portraiture to graphic reports

I have always loved portraits. I started studying the great portrait masters and their lighting schemes. I soon realized that, in portraiture, less is more. I ended up opting for few light sources, and most of the time I started using a single source. It was immensely rewarding to photograph people and create sophisticated portraits with accurate pre-production and post-production in Photoshop.

I played with this for a few years until I no longer felt challenged. I had some good surprises, but I ended up leaving my camera aside because I had more fun buying and admiring the photos from the great Brazilian and foreign photographers. I discovered the Arab photographers, I bought several books from the Magnum Agency, and I was thrilled with everything that their spectacular documentarists presented, especially with the photo reports of the great Paolo Pellegrin.

I looked at Pellegrin's work and imagined myself in those chaotic places, in the midst of wars, or in reports that beautifully told the stories of places and people very far from me and my trivial reality. I felt happy to see that he, Paolo, a great artist, was there to, with such competence, eternalize and show the world those historical, primordial moments, which - either for their beauty or for the atrocities shown in the images - are so important to be remembered and commented. Paolo Pellegrin's photography has frozen time and his record is unmistakably credible. This is documentary photography, this is photojournalism.

From imagining the universe of photojournalists and “traveling” in the images of the wonderful books that these artists

produced, I started to return to photography. I restarted my studies and experiments, trying to produce something in the places around me.

I decided to always carry a camera, ready to immortalize the scenes on my paths.

The bicycle

At a certain time, I started for health reasons, to cycle. I would take my overweight “little body” and my camera for a ride around the outskirts of the city, and I actually started to have more fun with the photographs. Gradually, I moved away from the city and into the countryside.

I am the son of liberal professionals, people who have always worked and lived in the urban environment. Many of my friends are heirs of rural areas, children and grandchildren of farmers and have always lived both in the countryside and in the city, but I never went to the countryside, not even for a single weekend. And it was not for lack of invitation, but because it was not what I liked to do. I was always connected to music, to the bohemian life and attending meetings to play and sing.

When I, my bike and my camera started to enter the rural area of the city of Lages/Santa Catarina, I discovered, decades later, a wonderful world that was hidden there just a few kilometers from my nose. Beautiful centenary farms, breathtaking landscapes, the hospitality of our “gaúcho lageano” with the beauty of his characteristic customs, and, above all, the living cultural heritage of the Serra Catarinense (elevated area which contains many cities, Anita Garibaldi, Bocaina do Sul, Bom Jardim da Serra and many others), where people from different places and ethnicities laid their foundations when they first came to live here.

The bicycle is a wonderful, non-polluting means of transportation, and you can exercise without impact, which is very important for someone approaching 60 years of age. With the bicycle you are integrated into nature and you can observe everything, becoming part of the landscape. You are literally the protagonist.

Looking and observing the landscapes of the region (“serranas landscapes”), I started to take out my camera and risk some clicks. As a good portrait painter, I had no desire to photograph landscapes, but little by little, I started to like, and get used to the photos, the wide-angle lenses, and the small diaphragm openings.

Landscape photography requires a lot of experience, because it is very difficult to compose and very easy to fall into sameness. You have to necessarily understand and observe the light that nature wants to give us on that day and at that moment. The surprises are delightful... And so are the disappointments. Gradually, the results will emerge. This way, you - more and more - come back from your rides with beautiful images.

As I became more integrated with the cycling and became more familiar with the trails that cut through rural areas, I beca-

me more comfortable photographing landscapes. Then I started to photograph the old architecture of the little houses, the beautiful buildings of the farms and everything that was part of the rural environment.

From then on, in addition to the typical herds of the Região Serrana, came the “taipas” (stone walls made with stone available in the fields), the rural worker, with his dogs and horses in the rough. All this hard work in the field takes us back to the 1700s, when the ancestors of all these people came here with their cattle troops, heading for other regions of the country.

Soon, I had an immense desire to document the interior of the houses, and with the contacts and scheduling of internal photos, I discovered that most of the rural properties in our Região Serrana are still in the hands of known people. The receptivity I had was always very cordial and the surprise in photographing the houses and the residents was wonderful. Everything is very beautiful.

Inside these houses, some intact and others without their oldest parts, is the memory of Portuguese, Africans, Italians, Spaniards, Latin Americans who, centuries ago, gave rise to the people of the Serra Catarinense. The objects - pieces of living history - are there, in the clothes, in each piece, in tableware, paintings, weapons, arranged in improvised museums or thrown on top of cupboards, or in sheds that were once slave quarters.

With my bicycle I discovered the great cultural treasure that was on the outskirts of the city and in the countryside, less than twenty kilometers from my home in the center of Lages. History can be seen in the countenance of every inhabitant of Campos da Serra. Everyone carries their historical relics and scars, their incredible memories of country life, and the intriguing stories of their ancestors.

The photos I made include several cities in the Região Serrana of Santa Catarina, as I also photographed other places through which I passed during trips, for work or leisure. Thus, we have one certainty: that the “gaúcho serrano de Santa Catarina” - and this is not a mistake, because “gaúcho” is not synonymous with one that is born in the Rio Grande do Sul - is present throughout our region. These brave men and women continue to cultivate their traditions, loving their land and their children.

There is still much to be mined in this culturally rich region, but what exists and is there telling this incredible story must be documented. And then, when I started clicking here and there, was born the photographic project Serranias, gathering this collection of photographs of our “Serra Catarinense” or “Serra of Santa Catarina”.

I wish everyone a good experience when browsing through this photobook, and that it can be a starting point to learn more about this beautiful and magical place: The “Serra de Santa Catarina”.

El comienzo

Desde la infancia, las fotografías y los fotógrafos despertaron mi atención. En 1995, compré a una amiga una hermosa cámara Olympus OM-1, con una lente de 50 mm F1.4. Sin embargo, no tenía la menor idea del potencial de esa cámara, y mucho menos de cómo usarla...

Aun así, enseguida compré algunos carretes y manos a la obra. Durante un tiempo los revelados evidenciaban mi inexperiencia no pudiendo identificar en ocasiones a mis hermosos hijos. La cámara me desafiaba y constataba en los revelados la complejidad de la máquina, obteniendo en muchas ocasiones resultados desastrosos.

Sabía que estas máquinas ofrecían muchas posibilidades pero mi incompetencia ante esa caja de metal era evidente. Para empeorar las cosas, mi amiga, al explicarme rápidamente las funciones de la cámara, me dijo que, al tratarse de una cámara para “fotógrafos de verdad”, si quería obtener las imágenes deseadas, debía ajustar la apertura, la velocidad del obturador y la sensibilidad de la película por mí mismo.

Después de esta conversación, empecé mi larga batalla con la “Olympus OM-1”. Me llevó un tiempo entender la relación entre los ajustes de la cámara y los resultados en las fotos, pero poco a poco las imágenes comenzaron a volverse “visibles”. Sin embargo, tomar fotografías de verdad todavía estaba lejos de mis logros.

Hoy, me doy cuenta de que mi interés por la fotografía comenzó mucho antes de mi aventura con la “Olympus OM-1”. Cuando tenía siete años, mi padre me regaló una cámara “Tekinha”, que era fantástica, ya que mezclaba el concepto de juguete con algo que pretendía ser serio. Una cámara fotográfica era algo del mundo de los adultos, lo cual, como todos saben, causa gran fascinación en los niños, que deslumbrados y al mismo tiempo ansiosos frente a una cámara, comienzan de inmediato con gran expectación a “coquetear” con la responsabilidad de los resultados, experimentando la manipulación de un objeto serio, mágico, hermético, al que normalmente no tendrían acceso. Así que cuando ocurría este raro hecho, era una absoluta ruptura de jerarquía y, con una cámara en mis manos, me sentía verdaderamente “un adulto”.

La “Tekinha” era una pequeña caja de plástico que usaba carrete 126, con cartucho. El próprio carrete era la tapa de la cámara, una especie de “pinhole” que se hacía pasar por importante, pero las fotos eran mucho mejores que las obtenidas

en mis primeros encuentros con la maldita “OM-1”, ya que la “Tekinha” estaba programada para no frustrar a los esperanzados niños. Venía con un objetivo de apertura única y un obturador con velocidad fija, lo que funcionaba bien en fotos exteriores.

Con la ayuda de mi madre, juntaba algo de dinero para comprar el famoso carrete 126 y ahorra en cada clic, porque eran “pocas tomas” - 12, 24 o 36 tomas, como decían en ese momento. Luego, había que conseguir el dinero para revelarlo...

Todo era muy caro para nuestros estándares.

Mi padre era verdaderamente nuestro mecenas. A pesar de sus escasos recursos, siempre estaba atento a los anhelos artísticos de sus hijos. Solía llegar a casa con libros, publicaciones, revistas infantiles, juegos, y si alguien mostraba interés en algo, él siempre estaba allí. Mi madre también era muy alentadora, talentosa, se movía en el mundo de las artes. Gran cantante y artista plástica, le encantaba cantar, pintar y leer con sus hijos.

Un tesoro en el desván

Un día, en el desván de nuestra casa, encontré fragmentos de un antiguo ampliador para revelado en blanco y negro, así como unos pequeños recipientes que más tarde entendí que se usaban para revelar los carretes. Esa noche, al regresar a casa, mi padre montó ese artefacto, me explicó todos los detalles del funcionamiento de un ampliador, me mostró cómo funcionaba el proceso de revelado de carretes paso a paso y cómo se ampliaban luego los negativos en papel fotográfico. Unos treinta años después, experimentaría la magia de montar un pequeño laboratorio de revelado en blanco y negro en el baño de mi casa, con la ayuda de mis dos hijos, Vinícius y Vítor.

Amigos y familiares, mis indefensas víctimas

Después de que supuestamente domé la OM-1, los rostros de mis hijos, familiares, amigos y otras víctimas comenzaron a ser reconocidos en mis fotos. Al verlas, todos decían la infame frase: “¡Tu ‘cámara’ es profesional!”, una afirmación desdeñable que todos los fotógrafos experimentan en algún momento. Pero yo seguía firme, haciendo lo que más me gustaba: sesiones fotográficas gratuitas.

Me encantaba ver la expresión de mis amigos cuando revelábamos los carretes y aparecían las fotos de sus hermosos hijos, con esos maravillosos colores o con el encanto y la belleza de un retrato en blanco y negro. Mis hijos se veían hermosos, pero escapaban de mí. Su descontento se expresaba en las “caras”

que hacían en los retratos. Hoy ninguno de ellos posa para mí, “pobrecitos”.

Aribert Bertoncelli

En el año 2001, fui a trabajar a Chapecó, Santa Catarina, donde, durante una ceremonia, conocí a Aribert Bertoncelli, quien estaba fotografiando el evento, y pronto comenzamos a hablar sobre equipos fotográficos, máquinas de película en ese entonces. Nuestra conversación evolucionó hacia temas más allá de los equipos, y me di cuenta de que ese distinguido fotógrafo sabía mucho más sobre fotografía de lo que yo imaginaba.

Aribert, o Beto, como se le conocía, tenía una tienda de productos fotográficos en Coronel Freitas, Santa Catarina, a unos veinte kilómetros de Chapecó. Hacía reportajes fotográficos en toda la región del oeste catarinense, siempre acompañado por su difunto padre, el Sr. Bertoncelli. Sin embargo, la principal actividad comercial de Beto era la fotografía de muebles.

En la región del extremo oeste catarinense se encuentra un fuerte polo industrial de muebles y, para la elaboración de catálogos, las fábricas necesitaban que se fotografiasen las nuevas colecciones. Así que periódicamente utilizaban varios camiones en un largo y costoso viaje para llevar los muebles a São Paulo, donde se tomaban las fotos y se elaboraban los catálogos. Entonces, mi amigo Beto Bertoncelli montó un estudio lo suficientemente grande y equipado como para no solo fotografiar los muebles en el mismo lugar, sino también para elaborar los catálogos.

Pronto establecí un contacto más cercano con Beto, ya que comencé a trabajar en la ciudad de Coronel Freitas y siempre encontraba tiempo para hablar sobre fotografía. El laboratorio de la tienda estaba muy bien equipado, con diversas cámaras: las de Gran Formato para fotografiar los muebles, las de Medio Formato con película de 120 mm, además de varias cámaras de 35 mm utilizadas para los reportajes.

Fue allí, en ese laboratorio, junto con Beto y su querido padre, donde descubrí un mundo maravilloso, con hermosos retratos, fotos antiguas y cámaras sensacionales. Sin embargo, el gran salto, lo que me hizo enamorarme completamente de la fotografía, fue poder convivir con Beto, con su conocimiento del arte fotográfico, su sentido estético, su constante y obsesivo gusto por las obras de los grandes maestros, por la semiótica, por las maravillas del estudio de las artes plásticas y la fotografía artística.

Lo más especial de todo este giro del Universo, que me puso frente a este amable amigo, es que Aribert, con toda su paciencia e infinita bondad, me guió paso a paso en el aprendizaje de la fotografía. A través de él conocí las obras de los fotógrafos más importantes de la Historia. Aprendí a mirar y observar con cuidado las famosas fotos de Brassai, Bresson, Reené Burri, entre otros.

También gracias a este amigo, descubrí la maravillosa historia de la “Agencia Magnum” y de los clubes de fotografía bra-

sileños... descubrí a Sebastião Salgado, Evandro Teixeira, Walter Firmo y otros grandes de nuestra tierra. Pasaba días analizando imágenes de las cientos de revistas francesas que el maestro amablemente me prestaba, y luego, la famosa Trilogía de Ansel Adams, libros tras libros sobre composición y estética. Todo me era prestado o recomendado por Beto, quien siempre estaba dispuesto a enseñarme.

Pasábamos hasta altas horas de la noche haciendo ampliaciones en varios tipos de papel y con varios tamaños de negativos. Era mágico y muy divertido. Extraño no solo el olor de los productos químicos que usábamos en los revelados, sino también toda esa actividad.

Unos pocos años después de haber conocido a Beto, él y yo compramos nuestras cámaras digitales y entonces vinieron los descubrimientos en este nuevo mundo. Hoy, con la fotografía digital, la diversión sigue asegurada. Se pierde algunas cosas y se ganan otras. Cambiamos los químicos por Photoshop, pero los estudios y los maestros siempre están allí. Por lo tanto, fotografiar siempre ha sido, es y será maravilloso. Gracias, querido amigo y maestro Aribert Bertoncelli, por tu arte, tu amabilidad y por compartir tu conocimiento.

Del retrato al reportaje fotográfico

Siempre me han gustado mucho los retratos. Empecé a estudiar a los grandes maestros del retrato y sus esquemas de iluminación. Pronto me di cuenta de que, en el retrato, menos es más. Terminé optando por pocas fuentes de luz y, en la mayoría de los casos, usé una única fuente. Era inmensamente gratificante fotografiar a las personas y crear retratos sofisticados, con una preproducción precisa y una postproducción en Photoshop.

Jugué con esto durante algunos años hasta que dejó de desafiarme. Es cierto que tuve algunas buenas sorpresas, pero finalmente dejé mi cámara de lado porque me divertía más comprar y admirar los libros de fotografía de los grandes fotógrafos brasileños y extranjeros. Descubrí a los fotógrafos árabes, adquirí varios libros de la Agencia Magnum y vibraba con todo lo que sus espectaculares documentalistas presentaban, sobre todo con los reportajes fotográficos del gran Paolo Pellegrin.

Miraba la obra de Pellegrin y me imaginaba en esos lugares caóticos, en medio de guerras, o en reportajes que contaban bellamente las historias de lugares y personas muy lejanas de mí y de mi realidad tan trivial. Me sentía feliz al constatar que él, Paolo, un gran artista, estaba allí para, con tanta competencia, eternizar y mostrar al mundo esos momentos históricos, primordiales, que, ya sea por su belleza o por las atrocidades representadas en las imágenes, son tan importantes de recordar y comentar. La fotografía de Paolo Pellegrin congela el tiempo y su registro es innegablemente veraz. Eso es fotografía documental, eso es fotoperiodismo.

De tanto imaginar el mundo de los fotoperiodistas y “viajar” a través de las imágenes de los maravillosos libros que estos artistas producían, comencé a retomar la fotografía. Reinicié mis estudios y experimentos, tratando de producir algo en los lugares a mi alrededor.

Decidí llevar siempre una cámara, lista para inmortalizar las escenas en mi camino.

La bicicleta

En un momento determinado, comencé a andar en bicicleta, por razones de salud. Llevaba mi “cuerpo” con sobrepeso y mi cámara a pasear por la periferia de la ciudad, y de hecho, empecé a divertirme más con las fotografías. Poco a poco, me alejé de la ciudad y llegué a la zona rural.

Soy hijo de profesionales liberales, personas que siempre han trabajado y vivido en entornos urbanos. Muchos de mis amigos son herederos de tierras rurales, hijos y nietos de agricultores que siempre han vivido tanto en el campo como en la ciudad, pero yo nunca fui al campo, ni siquiera por un fin de semana. Y no fue por falta de invitación, sino porque no era lo que me gustaba hacer. Siempre viví conectado con la música, la vida bohemia y asistiendo a reuniones para tocar y cantar.

Cuando yo, mi bicicleta y mi cámara comenzamos a adentrarnos en el área rural de la ciudad de Lages, Santa Catarina, descubrí, con décadas de retraso, un mundo maravilloso que estaba escondido a muy pocos kilómetros de mi nariz. Hermosas fincas centenarias, paisajes impresionantes, la hospitalidad de nuestros “gauchos lageanos” con la belleza de sus características costumbres y, sobre todo, el vívido patrimonio cultural de la Sierra Catarinense, donde pueblos de diferentes lugares y etnias establecieron sus bases cuando vinieron a vivir aquí pioneramente.

La bicicleta es un vehículo de transporte maravilloso, no contaminante, y te permite hacer ejercicio sin impacto, lo cual es muy importante para alguien que está llegando a los 60 años. Con la bicicleta te integras con la naturaleza y puedes observar todo, convirtiéndote en parte del paisaje. Eres literalmente el protagonista.

Mirando y observando los paisajes serranos, comencé a sacar mi cámara y a arriesgar algunas tomas. Como buen retratista, no tenía ningún deseo de fotografiar paisajes, pero poco a poco fui disfrutando y acostumbrándome a las fotos, a los lentes de gran angular y a las pequeñas aperturas de diafragma.

Fotografiar paisajes requiere mucha experiencia, ya que es muy difícil componer y muy fácil caer en la monotonía. Necesariamente tienes que entender y observar la luz que la naturaleza nos ofrece ese día y en ese momento. Las sorpresas son deliciosas... y las decepciones también. Poco a poco, los resultados comienzan a aparecer. De esta manera, regresas de tus paseos en bicicleta con hermosas imágenes.

A medida que me sentía más integrado al ciclismo y co-

nocía mejor los senderos que atravesaban las áreas rurales, me sentía más cómodo fotografiando paisajes. Luego, comencé a fotografiar la arquitectura antigua de las casitas, las hermosas construcciones de las fincas y todo lo que formaba parte del entorno rural.

Desde entonces, además de los rebaños típicos de la Región Serrana, también fotografié las paredes de piedra, los trabajadores rurales con sus perros y caballos en las tareas rudas. Todo este arduo trabajo en el campo nos remonta a la década de 1700, cuando los antepasados de toda esta gente serrana llegaron aquí con sus manadas de ganado, en dirección a otras regiones del país.

Luego, tuve un gran deseo de documentar el interior de las casas, y con los contactos y las citas para las fotos internas, descubrí que la mayoría de las propiedades rurales de nuestra región Serrana aún están en manos de personas conocidas. La hospitalidad que recibí siempre fue muy cordial y fue una maravilla fotografiar las casas y a sus habitantes. Todo es muy hermoso.

Dentro de estas casas, algunas intactas y otras ya sin sus vestigios más antiguos, se encuentra la memoria de portugueses, africanos, italianos, españoles, latinoamericanos que, hace siglos, dieron origen a la gente de la Sierra Catarinense. Los objetos, pedazos de historia viva, están allí, en las vestimentas, en cada pieza, en las lozas, cuadros, armas, dispuestos en museos improvisados o tirados en los armarios o en los galpones que alguna vez fueron alojamiento de esclavos.

Así, con mi bicicleta fui descubriendo el gran tesoro cultural que estaba en la periferia de la ciudad y en el área rural, a menos de veinte kilómetros de mi casa en el centro de Lages. La historia se muestra en el rostro de cada habitante de los Campos de la Sierra. Todos llevan sus reliquias históricas y cicatrices, sus increíbles recuerdos de la vida rural y las historias intrigantes de sus antepasados.

Las fotografías que tomé abarcan varios municipios de la Región Serrana de Santa Catarina, ya que también fotografié otros lugares por los que pasé durante viajes, ya sea por trabajo o por placer. Por lo tanto, tenemos una certeza: el gaucho serrano de Santa Catarina, y esto no es un error, ya que “gaucho” no es sinónimo de rio-grandense, está presente en toda nuestra región. Valientes, estos hombres y mujeres valientes siguen celebrando sus tradiciones, amando su tierra y a sus hijos.

Aún queda mucho por descubrir en esta región culturalmente rica, pero lo que existe y está ahí contando esta increíble historia debe ser documentado. Es así nació el proyecto fotográfico “Serranias”, cuando comencé a capturar aquí y allá, creando esta colección de fotografías de nuestra Sierra Catarinense.

Les deseo a todos una buena experiencia al hojear este fotolibro y espero que sea un punto de partida para conocer más sobre este hermoso y mágico lugar: la Sierra de Santa Catarina.

ÍNDICE FOTOGRÁFICO



06. Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



08. Periferia de Lages – SC. 2022



10. Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



12. Coxilha Rica, Lages – SC, Fazenda São João. 2022



13. Coxilha Rica, Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



14. Coxilha Rica, Lages – SC, localidade de Morrinhos. 2022



17. Vaca da raça Crioula Lageana. Fazenda Igrejinha, Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



19. Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



20. Campos da Serra, Urupema – SC. 2021



22. Tropeada, Coxilha Rica. Lages – SC. 2022



24. Tropeada, Coxilha Rica. Lages – SC. 2022



26. Coxilha Rica, Lages – SC. 2021



28. Periferia da Cidade de Lages – SC. 2021



31. Igreja da localidade de Morrinhos, Coxilha Rica, Lages - SC. 2021



32. Convento Franciscano, Lages – SC. Foi em 1891 que os Franciscanos chegaram à cidade de Lages. 2022



33. Cemitério em Morrinhos, Coxilha Rica, Lages – SC. 2021



34. Moinho Jorge Peter, localidade em Arrozal, Anita Garibaldi – SC. 2022



36. Crioulos Lageanos da Fazenda Igrejinha, Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



38. Coxilha Rica, Lages – SC. 2021



41. Fazenda Barreiro, Urupema – SC. 2021

ÍNDICE FOTOGRÁFICO



43. Fazenda Tijolinho, Lages – SC. 2021



45. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



46. Meu grande amigo Tio Fila, Cabanha SGV (Silvio Gamborgi Vallim), Lages – SC. 2022



47. Crioulos Lageanos da Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



48. Fazenda do Barreiro, Urupema – SC. 2021



49. Crioulo Lageano, Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



50. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



52. Tio Lelo, Fazenda do Barreiro, Urupema – SC. 2021



53. O Gaúcho e o Violão. Cabanha SRV, Lages – SC. 2022



54. Bergha, Cabanha SRV, Lages – SC. 2022



55. Tio Lelo, Fazenda do Barreiro, Urupema – SC. 2022



56. Raça Crioula Lageana. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



57. Mário Arruda com trajes de época. Sede do CTG Barbicacho Colorado, Lages – SC. 2022



58. Carlos, Cabanha SRV. Lages – SC. 2022



60. Crioulo Lageano da Fazenda Igrejinha. Lages – SC. 2022



62. Ney e Anesio Reck, Fazenda Igrejinha. Lages – SC. 2022



63. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



64. Coxilha Rica, localidade de Raposo, Lages – SC. 2022



65. Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



66. Periferia de Lages – SC. 2022

ÍNDICE FOTOGRÁFICO



68. Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



70. São Joaquim – SC. 2022



72. Divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. 2020



74. Bom Jardim da Serra – SC, pomares de maçã. 2021



76. Bom Jardim da Serra – SC, pomares de maçã. 2021



78. Bom Jardim da Serra – SC, pomares de maçã. 2021



80. Bom Jardim da Serra – SC, cultivo da maçã. 2021



82. Fazenda Tijolinho, Morrinhos, Coxilha Rica, Lages – SC. 2021



83. Periferia de Lages – SC. 2021



84. Coxilha Rica, Lages – SC, localidade de Raposo, Seu Divo e sua Netinha. 2022



87. Coxilha Rica, Lages – SC. 2022



89. Fazenda Tijolinho, Lages – SC. 2021



90. Fazenda Santa Rosa da Boa Vista, Coxilha Rica. Lages – SC. 2021



91. Anita Garibaldi – SC. 2022



93. Anita Garibaldi – SC. 2022



94. Rodrigo, Fazenda Igrejinha, Coxilha Rica, Lages – SC. 2021



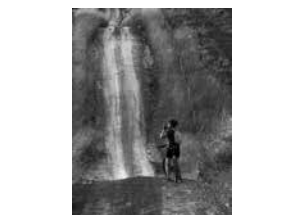
97. Trabalhadores sazonais vindos do nordeste do Brasil. Cultivo da maçã, São Joaquim – SC, 2022



98. Fazenda São João, Coxilha Rica. Lages – SC. 2022



100. Coxilha Rica, localidade de Raposo. Lages – SC. 2022



103. Periferia de Lages – SC. 2021

ÍNDICE FOTOGRÁFICO



104. Coxilha Rica, Lages – SC. 2021



106. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



108. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



110. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



112. Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



114. Fazenda São José da Boa Vista, Paineira – SC. 2021



116. Lucas, Fazenda Igrejinha, Lages – SC. 2022



118. Fazenda São José da Boa Vista, Paineira – SC. 2021



120. Fazenda Tijolinho, Lages – SC. 2021



122. Sr. Altamiro, Anita Garibaldi – SC. 2022



124. Anita Garibaldi – SC. 2022



126. Sítio Francisco Subtil, São José do Cerrito – SC. 2022



129. Periferia de Lages – SC. 2020



130. Fazenda São José da Boa Vista, Paineira – SC. 2021



133. Fazenda São José da Boa Vista, Paineira – SC. 2021



134. Fazenda Tijolinho, Coxilha Rica, Lages – SC. 2021



136. Fazenda São José da Boa Vista, Paineira – SC. 2021



138. Fazenda São José da Boa Vista, Paineira – SC. 2021



141. Fazenda Tijolinho, Lages – SC. 2021



142. Fazenda São João, Coxilha Rica, Lages – SC. 2022

ÍNDICE FOTOGRÁFICO



144. Fazenda São João,
Coxilha Rica, Lages – SC.
2022



147. Fazenda São João,
Coxilha Rica, Lages – SC.
2022



148. Fazenda São José da
Boa Vista, Paineira – SC. 2021



151. Sítio Francisco Subtil,
São José do Cerrito – SC.
2022



152. Urupema – SC. 2021



155. Igreja do Raposo,
Coxilha Rica, Lages – SC



156. Coxilha Rica, Lages –
SC. 2022



158. Coxilha Rica, Lages –
SC. 2022



160. Periferia de Lages –
SC. 2021

Serranias / Beto Castro. – Lages : Fazer Gestão Cultural, 2023.
184 p.: il.

1. Fotografia paisagística – Lages (SC). 2. Fotografia de natureza. 3. Arquitetura e fotografia. II. Título.

COPYRIGHT © BY BETO CASTRO



PRODUÇÃO EXECUTIVA

Fazer Gestão Cultural

Públio Sartori

Sérgio Gregório Sartori

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Lucila Horn

Públio Sartori

CURADORIA

Lucila Horn

FOTOGRAFIAS

Beto Castro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Franciele Schneider

TEXTOS

Beto Castro

Lucila Horn

TRADUÇÃO

Tiago Vieira Sartori (inglês)

Larissa Bunn Gugelmin (espanhol)

REVISÃO

Teresa Setti de Liz

FOTO DE CAPA

Carlos, cabanha SRV. Lages – SC.

Foto: Beto Castro, 2022.

IMPRESSÃO

Gráfica Coan – Tubarão – SC.



Patrocínio



Produção



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

